

os solos desprotegidos, à mercê da intensificação da ação dos agentes erosivos. Dever-se-ia desmatar as áreas baixas localizadas à margem dos rios para as culturas anuais. Essas áreas, embora pouco extensas, são anualmente enriquecidas pelos depósitos feitos pelos rios durante as enchentes e podem ser exploradas racionalmente, com altos rendimentos. Os trechos altos que não recebem os aluviões durante as enchentes e que são mais atingidos pela erosão ao se escoarem as águas que caem durante os períodos chuvosos, não devem ser desmatados, mas explorados racionalmente, através da coleta dos produtos aí existentes e da retirada da madeira. As árvores derrubadas poderiam ser substituídas por outras que fôsem economicamente mais produtivas e se poderia fazer uma agricultura de árvores que alimentassem e fornecessem rendimentos à população, sem destruir o patrimônio edáfico.

Já é tempo de não se ter ilusões, de não se julgar férteis os solos das áreas cobertas pelas fabulosas florestas equatoriais, mas de se compreender a realidade e procurar explorar os recursos de que se dispõe sem destruir a fonte dos mesmos. Cada área do globo tem de ser explorada de acôrdo com as condições aí dominantes, por métodos próprios. É sempre perigoso transportar métodos e processos que surtiram efeito em regiões temperadas para as tropicais. Temos que evoluir dos processos rotineiros da agricultura itinerante, da cultura cabocla, para as formas racionais e mais produtivas, através de processos e métodos apreendidos do conhecimento e da experiência adquiridos no contacto e no exame de uma realidade. Temos que utilizar soluções tropicais para os problemas tropicais. Assim, é necessário fixar a corrente migratória que caminha em direção ao rio Gurupi, onde ela se acha, ensinando processos agrícolas e de exploração florestal e organizar o crédito e estendê-lo aos pequenos agricultores e à comercialização da produção, a fim de livrá-los da exploração dos agiotas e de todos aquêles que sugam o suor dos que trabalham a terra.

## Sociologia e Sociologias (\*)

NELSON SALDANHA

1. *À cata do conceito.* Algo de verdade havia na intuição histórico-doutrinária de Comte, quando, com profundidade e largueza de vistas, embora condicionado por pesados equívocos, traçou a sua "lei dos três estados". Com efeito, se o caráter de sucessão linear e excludente que a lei atribuía às fases teológica, metafísica e científica constituía um indemonstrável exagêro ou uma deformação imperdoável, era correto e até decisivo compreender que a era de predomínio do pensar puramente metafísico cederia vez a um tempo em que as exigências empiristas iam propiciar o advento de um saber cada vez mais voltado para o social e ao mesmo tempo cada vez mais atado às concrezas e às positividades. Aquela intuição, que vinha numa série de outras, entre as quais as de Condorcet e Saint-Simon, correspondeu à força mesma do positivismo como criador da Sociologia, embora também à sua fraqueza (vinda de seu exagêro) como apagador das verdadeiras e permanentes necessidades filosóficas do pensar humano.

O fato é que o pensamento humano, mormente o pensamento social, se tornou cada vez mais vinculado aos problemas da ciência sistemática da sociedade, fôsse qual fôsse a formulação, fôsse qual fôsse o embasamento que se desse a esta, por filiação metodológica. Desde a geração de Comte, todos vieram sendo um tanto sociólogos. Fouillée chegou a falar, em livro típico de sua hora, na "concepção sociológica do mundo", que teria emergido juntamente com o progresso científico. De certo modo, a sociologia, como tipo de explicação, ficou fun-

(\*) Capítulo do livro em preparo.

cionando nos tempos contemporâneos com a mesma generalidade que tinha tido o tipo teológico de pensar, séculos antes.

Mesmo quando a pretensão absorvente da sociologia comtiana, que queria ser abrangentemente a suma dos conhecimentos referentes ao ser social, foi atenuada, dando lugar ao crescimento específico das outras ciências sociais, menos gerais do que ela, como a política, a economia etc., mesmo assim o "modo" sociológico de ver as coisas seguiu assente e atuante, influenciando de certa forma em quantos tratassem de assuntos ligados ao ente humano.

Mas com isso surgiu, ou antes, progrediu paralelamente, o problema do conceito. Com o florescimento das ciências culturais (e sobretudo depois que elas foram chamadas de culturais ou de sociais, por influência de certas correntes filosóficas), ciências que desde a fase romântica ampliavam-se e desdobravam-se, a sociologia ficou vista como um saber social básico e indispensável, mas cuja convivência acadêmica com as demais disciplinas do humano pedia uma definição de limites. Os leigos de todos os lados usavam o nome da sociologia e lançavam mão de sua linguagem; os especialistas cuidavam de valorizar seu terreno procurando delimitá-lo.

Seria inócuo e sem graça arrolar as tentativas de definição. Apenas, para mencionar um dos nós do problema, cite-se a frase de Hans Freyer, segundo a qual a sociologia é "a autoconsciência de uma realidade social", o que significa que entendê-la é vê-la em ligação com as condições sociais mesmas em que ela se elabora. Esta opinião, que não é uma definição, e que implica um fecundo rastro da chamada sociologia do conhecimento (no caso, voltada por assim dizer a uma "sociologia da sociologia"), é realmente sugestiva. Podemos tomá-la como ponto de partida, sem deixar de anotar que, no final de contas, a sociologia, tal como hoje a vemos, tão estendida e multiplicada, vem a ser uma espécie de *ponto de vista* que ao estudo do humano e do social se aplica<sup>(1)</sup>.

(1) A frase de FREYER vem em *La sociologia, ciência de la realidad*, trad. F. Ayala, ed. Losada, Buenos Aires 1944, Introdução, pág. 19. Opinião que tem de ter-se em mente é a de ORTEGA Y GASSET, que em seu *El hom-*

2. *Advento da Sociologia* — Os melhores autores explicam o advento da sociologia como algo ocorrido dentro do crescimento da cultura ocidental. Ou seja, como um episódio decisivo, através do qual se as elites intelectuais do Ocidente se deram conta do mundo social em que pisavam. É claro que houve consciência social e especulação sobre coisas sociais desde a antiguidade (os gregos estão aí para figurar como precursores de tanta coisa), mas a estruturação da sociedade pós-feudal e a complexificação de seus elementos, ou da relação entre ela e a vida intelectual que condicionava, é que ensejou problemas novos, ligados à nova mutabilidade de padrões e ao novo tipo de insatisfação intelectual perguntona e racionalista. Como antecipação mais próxima valem as idéias sociais medievais (sobressaindo a impressionante figura moura de Ibn Kaldum), as teorias políticas renascentistas e post-renascentistas de Maquiavel, Bodin, Hobbes, Grócio, e mais ainda os estudos que o iluminismo liberal ou pré-liberal cultivou e que se expressam por exemplo nos escritos dos enciclopedistas franceses<sup>(2)</sup>. A esta época correspondem as obras de Vico, confuso e genial, e as de Montesquieu, visivelmente o renunciador de uma disciplina sociológica metódica, maciça e segura. É certo que os que queriam a revolução burguesa estudavam a sua sociedade como um corpo doente; é certo que os que se horrorizaram com ela (como Burke na Inglaterra) analisaram as organizações sociais e históricas para inferir viabilidades e conveniências; e os que sobreviveram ao Terror em Paris pensaram em rever os conceitos vigentes e os ideais sociais. Por sua parte, os economistas desde Quesnay e desde Adam Smith vinham dissecando processos e

*bre y la gente* desenvolveu-se uma aguda embora excessiva crítica aos sociólogos pela falta de definições básicas com que trabalham, e que, todavia, encontrou quem lhe atribuisse uma autêntica sociologia entendida como "teoria da vida coletiva, fundada em uma prévia teoria da vida humana efetiva, isto é, a individual" (a atribuição é a frase são de JULIAN MARIAS, no § 26 de sua "Estrutura Social": cf. *Obras*, vol. VI, Rev. de Occidente, Madrid 1961, pág. 252, nota). Para discussões didáticas sobre o conceito de sociologia, vejamos os compêndios mais conhecidos, inclusive no Brasil o de PINTO FERREIRA, *Sociologia*, ed. Konfino, 2 volumes, Rio 1955, ou de PAULO DOURADO DE GUSMÃO, *Manual de Sociologia*, 2a. edição, Forense, Rio 1967.

(2) Cf. RENÉ HUBERT, *Les Sciences Sociales dans l'Encyclopédie*, Paris, ed. Alcan, 1923.

tentando generalizações. Tudo isso, chegada a grande fermentação que foi o romantismo, frutificou como temática para uma ciência global e urgente, referida à vida social como um todo, construída em termos de repasse histórico e de combinação de dados.

Foi isso justamente o que Comte fez: um amplo repasse histórico conivente com uma combinação de dados sistemáticos, tendendo (um tanto como no caso de Platão) a um conservadorismo rigoroso mas também a uma reestruturação total. Mas sendo, sobretudo, um exemplo de construção orgânica e de pertinência intelectual.

Depois de Comte, a maturação: Durkheim com a depuração metodológica, Spencer — aliás contemporâneo daquele, mas sobrevivente — com o organicismo e o evolucionismo. Evolucionismo que seria idéia de tanta influência nas gerações seguintes. E com a maturação, a consolidação: a escola sociológica francesa, a convivência com os historiadores e os antropólogos, sempre fecunda, e com os filósofos políticos alemães, com os economistas (Marx, bem como os historicistas), e com os juristas. Nomes como Dilthey e Simmel, na transição para o século XX, e como Max Weber, nos primeiros lustros deste, enriquecendo-lhe a problemática, e tornando-a dútil, flexível, intrincada e sutil. Depois, os crescimentos posteriores, a idéia de crise social, o impacto das guerras, as sugestões de Scheler e Mannheim, o desenvolvimento dos aparatos de pesquisa e dos requintes fenomenológicos. E então, os problemas de nossos dias<sup>(3)</sup>.

(3) Para a evolução da sociologia, dentre a numerosa bibliografia cf. desde logo as profundas páginas de WILHELM DILTHEY na *Introducción a las Ciencias del Espiritu* (trad. J. Marias, Rev. Occidente, Madrid, 1956, cap. XIII), e a síntese de LEOPOLDO VON WIESE, *Sociologia — historia y principales problemas*, trad. esp., Col. Labor, Barcelona 1932. Ver igualmente FRANCISCO AYALA, volume I de seu *Tratado de Sociología*, B. Aires, 1947; G. BOUTHOU, *História da Sociologia*, trad., coleção "Saber atual", S. Paulo 1968; E. BOGARDUS, *História do Pensamento Social* tradução, ed. Fundo de Cultura, São Paulo, 1960, 2 volumes; N. TIMACHEFF, *Teoria Sociológica*, trad., 2a. ed., Zahar, Rio 1965; JEAN DUVIGNAUD, *Introduction à la Sociologie*, Gallimard, Paris 1966, cap. I; e também PAULO DOURADO DE GUSMÃO, *Teorias Sociológicas*, ed. Fundo de Cultura, Rio 1962.

3. *Seus caracteres "como ciência"*. Põe-se em geral esta questão, dos caracteres da sociologia "como ciência". O que sempre se quer saber é que tipo de ciência ela é, mas muitos vão mais dentro e indagam se ela é ciência. Geralmente a "dúvida" sobre a cientificidade da sociologia compete aos seus cultores que tendem ao cientismo naturalista no tocante à teoria geral da ciência, aos que entendem, noutras palavras, que ciência propriamente dita é aquela que comprova suas afirmações com verificações positivas, que as integra em articulações rígidas e usa modelos quantitativos para tudo isso. A opinião deste tipo padece de preconceito naturalista e não leva em conta o cunho próprio das ciências do humano.

Já os que entendem "ciência" em sentido mais amplo, e ordinariamente dividem as ciências em positivas e culturais, ou naturais e sociais, não perguntam se a sociologia é ciência: perguntam pelo tipo de ciência que ela é, e pelo alcance efetivo que tem ou pelo grau em que a afetam certas circunstâncias. A nós esta posição parece preferível. Longe do certo anda o Sr. Donald Pierson quando "espera" que a sociologia venha a ser tão científica quanto... uma ciência.

No cerne, por outro lado, esta questão se liga aos parentescos epistemológicos da sociologia, ou seja, às relações que pode guardar com disciplinas vizinhas — história, psicologia, antropologia. E assim, varia de autor para autor a formulação da questão: se um sociólogo acha que ela deve evitar o viés psicológico ela terá determinadas características; se achar que ela deve valer-se do *approach* psicológico, características outras, e isso vale para a relação com as ciências vizinhas todas. Se um sociólogo é simultaneamente demógrafo e estatístico, êle provavelmente caracterizará a sociologia como ciência sociográfica<sup>(4)</sup>, registradora de variações numéricas; se seus estudos

(4) LOGAN WILSON, em seu artigo sobre a sociografia dos grupos, incluído na obra conjunta dirigida por Gurvitch e Moore *Sociologia del siglo XX* (trad. esp., ed. El Ateneo, Buenos Aires 1956, vol. I, cap. VII), propõe que o uso do termo "sociografía" corresponda aos estudos que enfocam o grupo como objeto precípua. Etimologicamente, entretanto, o elemento *grafia*, distinto de *logia*, indica de fato um tratamento mais descritivo e mais empírico dos problemas.

de base são antropológicos, ela se verá caracterizada como estudo de padrões culturais e assim por diante.

Se é verdade que as barreiras internas entre as ciências sociais têm utilidade relativa<sup>(5)</sup>, não devemos todavia deixar que a sociologia se dilua de todo ao contacto de suas comparsas. E se é importante não considerar negativamente suas relações por exemplo com a história — Freyer e Wright Mills, entre outros, já acentuaram a incontornável necessidade desta para a sociologia —, também é certo que os problemas centrais do sociólogo são intransferíveis<sup>(6)</sup>.

Muito representativas, ainda, são as divergências sobre ter ou não a sociologia cunho nacional, ser ou não ser uma ciência “universal”. Como é evidente, as tendências se decidem com base na perspectiva epistemológica: os que vêem a sociologia como ciência a tornar-se positiva, querem-na igual por toda parte; os que a entendem como saber cultural, consideram-na variável segundo padrões nacionais. No Brasil, por exemplo, a pugna por uma sociologia de índole nacional foi conduzida brilhantemente por Guerreiro Ramos e outros estudiosos do grupo chamado ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), que durante alguns anos debateu problemas nacionais.

Um outro debate muito relevante corresponde à questão de ser a sociologia “neutra” axiológicamente, ou seja, de abster-se de tomar partido ou não, devendo ou não limitar-se a explicar realidades, problema que aliás vem da metodologia de Max Weber. Para uns, a sociologia deve realmente restringir-se à análise dos fatos sociais, apontando condições e descrevendo

(5) CLYDE KLUCKHOHN, no “Apêndice” ao seu *Mirror for Man* (trad. esp. sob título *Antropologia*, FCE, México, 1949, pág. 353), compara irônica-mente as delimitações entre ciências sociais a “jardins” que os eruditos muram contra intrusos, mas que a toda hora precisam ser saltados.

(6) A opinião de FREYER está no livro citado à nota 1, em várias passagens da *Introdução*. A de Mills, para quem “toda sociologia digna do nome é sociologia histórica”, está em *A Imaginação Sociológica*, trad. W. Dutra, Zahar, Rio 1965, pág. 159. Sobre as relações entre a sociologia e as outras ciências, ver ainda a *Sociologia* de GILBERTO FREYRE (ed. J. Olympio, Rio 1954), volume I, Introdução; e também o capítulo XII de MACHADO NETO, *O problema epistemológico em sociologia*, Bahia 1959.

dados, e deixar à filosofia e à política a valoração das situações e a indicação de atitudes. Para outros, a análise mesma implica em esquemas preferenciais prévios, e a seleção dos dados a descrever envolve valorações ideológicas. O debate alcança, na verdade, o conjunto das ciências sociais, que em nosso entender não podem renunciar às suas raízes filosóficas nem estreitar-se no mero registro de fatos, registro que, se elevado a “exame”, já pede modos de ver que não são nem podem ser inteiramente neutros. Objetividade sim, é outra coisa, e é coisa a exigir-se<sup>(7)</sup>.

Outra questão seria de saber se ao saber sociológico corresponde ou não normatividade, problema em parte vindo de Durkheim (que foi no fundo um moralista). e que hoje todavia, salvo melhor juízo, se acha *demodé* em face do que se entende por ciência e da superação da idéia de uma “ciência normativa”.

Haveria ainda a indagação sobre ser a sociologia uma ciência teórica, da qual a pesquisa seria apenas parte instrumental, ou seria uma ciência de pesquisa, a que a teoria serviria apenas de complemento. Essa questão dependente inclusive de tendências nacionais, havendo um padrão teorista que corresponde à sociologia européia — e mais particularmente à alemã —, e outro praticista ou pesquisista que se considera próprio dos norte-americanos em seu tipo mais comum. No fundo, é discutível o próprio conceito de “pesquisa”, mas não nos demoraremos sobre o ponto.

(7) A posição neutralista tem no Brasil um ilustre defensor em MACHADO NETO. Veja-se seu brilhante ensaio. “As ciências humanas e a neutralidade científica”, em *Problemas filosóficos das ciências humanas*, Brasília 1966. Para o professor Machado, o neutralismo é condição de liberdade intelectual, e a valoração caminho de totalitarismo. Quer-nos parecer, porém, que o relativismo, realmente necessário à liberdade, não impede as valorações, antes as recoloca, e que muito totalitarismo convive com aparentes neutralismos. Aliás os neutralismos quase sempre são aparentes, e neste sentido vale a crítica de MILLS, quando, no citado livro *A Imaginação Sociológica*, denunciou os substratos conservadoristas que se acham por trás de certas construções formalmente objetivas. Discussão análoga poderia ser levada a cabo a respeito das pretensões neutralistas da filosofia dita “analítica” (cf. a propósito o artigo de HANS LENK, “Kann die Sprachanalytische Moralphilosophie neutral sein?”, em *Archiv fuer Rechtsund Sozialphilosophie*, vol. 1967, LIII — 3, pág. 367).

4. *Métodos.* É comum encontrarem-se nos livros sobre ciências sociais, em sua parte metodológica, uma referência inicial à indução, pondo alguns, inclusive, a questão de ser o trabalho sociológico predominantemente indutivo ou dedutivo. A colocação da coisa nêstes termos, contudo, recua excessivamente o entendimento do problema. Indução e dedução são métodos lógicos básicos, modos padrão de operação intelectual, cuja aplicação a ciências especiais vem em forma indireta e transformada. Pode-se então falar em métodos indutivos e dedutivos para as ciências em geral, com essa ressalva.

É preciso, porém, distinguir ainda entre os métodos que são das ciências sociais como um todo, e os que são próprios da sociologia. Aquêles são, por exemplo, o comparativo, o "histórico", o chamado sistemático, o monográfico (apesar de ter nascido com intenção sociográfica). Entre os métodos peculiares ao estudo sociológico pode citar-se o ecológico, se bem que os botânicos também façam uso da ecologia. O método tipológico, cuja fundamentação se deve a Max Weber, é realmente próprio da sociologia em sua aplicação original, mas nada impede seu uso entre cientistas políticos ou antropólogos, que em verdade, como Monsieur Jourdain que fazia prosa sem saber, constróem tipos ideais como necessidade metódica em seu trabalho e apenas não bordam explicitações. Essas coisas repousam, em grande parte, numa questão de explicações e denominações.

É importante, sob certo prisma, distinguir o termo *método*, de mais largo alcance, do termo *processo*, de sentido mais instrumental. Os processos são formas de realizar os métodos. No caso do método tipológico, por exemplo, os tipos podem ser obtidos por diferentes processos. Mas é na dimensão da *pesquisa* que os "processos" se compreendem melhor: os processos metódicos de pesquisa são meios de captar e manipular dados. Para os que, como dissemos antes, entendem a sociologia como estudo "teórico" da sociedade, a pesquisa é tão só um momento ou um dado dêste estudo; para os que a vêem como ciência empírica e de pesquisa (Pierson por exemplo), a importância do estudo dos processos e das técnicas pesquisatórias assume maior importância.

Cabe observar que atualmente a teoria geral dos métodos das ciências sociais se acha enriquecida por novas posições básicas. No caso, a posição marxista, que tenta reivindicar o uso exclusivo do método dialético, na realidade um método — sistema de interesse para tôda problemática de alcance filosófico ou cultural (na verdade, o marxismo ortodoxo rechaça a sociologia como ciência burguesa, opondo-lhe o materialismo histórico; há porém margem, nos marxistas menos rígidos, para aceitar a sociologia, bem como, nos sociólogos mais "abertos" ao marxismo, para aproveitamento de esquemas e sugestões marxistas). No caso, também, o chamado inter-relacionismo, proposto por Sorokin entre outros, que quer superar a mania oitocentista do "fator principal" por uma visão em que o social apresenta uma inter-relação permanente entre seus componentes; e também o estruturalismo, palavra recente e provinda dos estudos de Levy Strauss, designando outra posição globalizadora para os estudos sociais<sup>(8)</sup>.

5. *Divisão.* O problema da "divisão" de uma ciência participa um tanto do necessário, do óbvio, do arbitrário e do inútil. No caso da sociologia, houve desde logo a divisão proposta por Comte em uma *estática social* e uma *dinâmica social*, divisão

(8) Para uma profunda explanação geral, em bases (geralmente) néo-kantianas, veja-se o famoso livro de FELIX KAUFMANN, *Metodologia de las Ciencias Sociales*, trad. E. Imaz, FCE, México 1946. Mais recentemente, M. DUVERGER, *Méthodes des Sciences Sociales*, Paris, P.U.F., 1961, e também *Méthodes de la Science Politique*, Paris, P.U.F. 1959. Sobre os métodos de pesquisa, um dos repositórios mais autorizados e de mais sério nível ainda é o livro de WILLIAM GOODE e PAUL HATT, *Métodos em Pesquisa Social*, trad. C. M. Bori, 2a. ed., São Paulo 1968. Para uma crítica dos excessos dos pesquisadores, ver P. A. SOROKIN, *Achaques y Manías de la sociología moderna y ciencias afines*, trad. esp., Agnillar, Madrid 1957. Sobre a "contribuição" marxista à metodologia social, ver a obra oficial de F. KONSTANTINOV, *El materialismo histórico*, México 1960, cap. I. Exposições independentes, a de T. BOTTOMORE e M. RUBER, *Sociologia e Filosofia Social de Karl Marx*, trad. G. Campos, col. Zahar (Rio 1964), ou a de G. GURVITCH, *A Sociologia de Karl Max* (Anhembi, São Paulo, 1960). Sobre a dialética, da imensidão de escritos a respeito, lembramos o notável estudo de DJACIR MENEZES, *Proudhon, Hegel e a Dialética*, ed. Zahar, Rio 1966. Sobre estruturalismo, entre outros, JEAN VIET, *Métodos estruturalistas nas Ciências Sociais*, trad., ed. TB, Rio 1967, bem como a recolta de textos intitulada *O método estruturalista*, ed. Zahar, Rio 1967. Para uma crítica da sociologia "a — histórica" moderna, burguesa, v. o importante livro de LUCIEN GOLDMANN, *Ciências humanas e filosofia*, trad., ed. Difusão Européia do Livro, S. Paulo 1967.

de inspiração física, como de inspiração biológica seria a referência de Durkheim a “fatos da morfologia social” e “fatos de fisiologia social”. Outras divisões vieram sendo sugeridas, com maior ou menor fortuna; entre elas a de Gurvitch distinguindo uma macro-sociologia e uma micro-sociologia, com sentido análogo ao que baseia a distinção hoje estadeada pelos economistas em macro e microeconomia.

Na verdade o problema tem importância secundária, ou seja, não é de ser tal ou qual a divisão mais “certa” que provirá a fecundidade maior ou a maior correção do estudo sociológico. Todavia não é problema a ser eliminado; deve ser tratado como transição metodológica.

Uma das divisões mais aceitáveis, e também mais viáveis no sentido didático, é aquela que distingue a sociologia *geral* e as sociologias *especiais*. Há aliás quem, antes desta dicotomia, diferente basicamente a sociologia *teórica* da *aplicada* (Fernando de Azevedo, por exemplo); esta última divisão entretanto nos parece equívoca. Parece-nos equívoca porque a sociologia dita teórica, e às vezes até chamada de pura, é a sociologia propriamente dita, sendo a palavra “pura” um termo dúbio. A sociologia dita aplicada viria a corresponder a determinadas técnicas de ação social — serviço social, políticas sociais — que, porém, por serem técnicas, deixam de ser ciência. A pureza, rotulando a dimensão teórica, se explicaria por um desejo de exprimir isenção, mas descabe. Em sociologia, é um pseudo-problema perguntar pela “prática”, que faria *pendant* com a teoria; e seria engano identificar com tal presumida “prática” a pesquisa, que é efetivamente outra coisa. É verdade que sociólogos de nomeada dão ainda hoje importância à sociologia chamada aplicada, como é o caso de Florestan Fernandes, que nisso mostra a subjacente marca de influências norteamericanas. Para êle, a noção de sociologia aplicada tem sua razão de ser no alcance empírico e utilitário que concede ao trabalho sociológico<sup>(9)</sup>. No fundo, todavia, a

(9) Em seu estudo a respeito, incluído como capítulo 3 dos *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada* (ed. Pioneira, S. Paulo 1960). Outro ponto em que não concordamos com o eminente autor é na conceituação da sociologia como estudo das interações dos seres vivos em todos os níveis de

coisa se reduz a uma “aplicação da sociologia”, o que aponta portanto para algo vindo dela e não identificável com ela.

Voltando então à idéia da sociologia geral e da especial, devemos advertir que no fundo a variação corresponde à série de objetos a que se aplica o *trabalho* do sociólogo: ou se aplica aos problemas totais da sociedade, ou se aplica a algum dos setores ou das ordens de fenômenos sociais, como o direito, a arte, a educação etc. Às vezes, porém, como adverte Duvignaud, certas divisões entre sociologia disso e daquilo nascem de conveniências burocráticas da organização universitária, mais que da objetividade intelectual. Mesmo porque, em cada caso de sociologia especializada, o enfoque é o mesmo, é sempre o sociólogo vendo o direito, vendo a família, vendo a religião. Deve-se reconhecer, entretanto, que a elaboração das sociologias especiais pede que ao preparo sociológico se aliem, às vezes ao menos, preparos complementares ligados ao campo tratado: o sociólogo do direito tem de conhecer a problemática jurídica além da sociológica; o sociólogo da arte tem de conhecer os problemas da produção artística e da vida respectiva<sup>(10)</sup>.

6. *As sociologias especiais*. Portanto as sociologias “especiais” são, logicamente, como as filosofias especiais ou as psicologias especiais, desdobramentos de uma intenção temática fundamental, que se mantém latente embora variem os objetos enfocados. A filosofia do direito, como a filosofia da história são filosofias enquanto formas de indagação e como modos de problematizar fundados em determinadas bases; da psicologia dita diferencial ou da psicologia da indústria pode-se dizer coisa análoga.

Os setores da vida social ou as ordens de fatos, de que

vida, conceituação espantosamente ampla que aceita a idéia de “sociedades animais”, idéia que apenas tem sentido analógico senão metafórico: sociedade propriamente dita é a humana e esta é que serve de objeto ao estudo sociológico.

(10) Sobre a divisão da sociologia ver o capítulo I parte III dos *Princípios da Sociologia* de FERNANDO DE AZEVEDO (Melhoramentos, S. Paulo 1951), bem como os livros de GILBERTO FREYRE e PINTO FERREIRA anteriormente citados, e os de DUVIGNAUD citado à nota 3, supra. Também o *Manual* de PAULO DOURADO DE GUSMÃO, citado supra, à nota 1.

cuidam as sociologias especiais, correspondem mais ou menos ao que Dilthey, em sua notável "Introdução às Ciências do Espírito", chamou (com terminologia hoje discutível) *Sistemas da Cultura*. Para êle a arte, o direito, a religião eram sistemas através dos quais se realiza historicamente a vida dos indivíduos: êstes sistemas, interconexionados, desenvolvem-se dentro de um todo que é a realidade histórica e cultural.

É de aspectos, ou de faixas, ou de "sistemas" neste sentido, que tratam as diversas "sociologias". Um sociólogo não pode ser sociólogo se não tiver uma visão suficiente do panorama social inteiro, do mundo de relações que é o social; mas por outro lado é muito difícil que um sociólogo dê conta de tôdas as investigações abertas em tôdas as faixas, e então o normal é que êle se prenda mais a alguma delas (ou a algumas, no muito). Durkheim foi sociólogo da organização social, dos costumes, da religião e do direito; Joaquim Wach, sobretudo sociólogo da religião. Não quer dizer que um sociólogo *tenha* de optar por uma faixa, êle pode até ser filósofo e historiador além de sociólogo, dada a relatividade destas denominações. Vai aí, apenas, uma questão de predomínio de interêsses ou de limitações de possibilidades. Em certos casos, os estudos de uma área podem inclusive completar e iluminar os de outra, como é o caso da sociologia jurídica e da sociologia política, ou o da sociologia econômica com a sociologia do trabalho, tão afins. Mas agora entraríamos no campo das "relações" recíprocas entre elas, o que não é assunto para êste capítulo.

## A Incelença -

### Aspectos Social e Dramático (\*)

RUBEM ROCHA FILHO

Quem anda pelo interior do Nordeste, especialmente nos Estados de Pernambuco e Alagoas (apesar de Luís da Câmara Cascudo apontar Paraíba e Rio Grande do Norte como os centros principais), terá oportunidade de presenciar um velório, em que ainda se cantem incelenças, tanto na forma mais simples do bendito de defunto, como:

Ó Senhor  
Ó Senhor  
Orai por ela  
Ó Mãe de Deus  
Ó Mãe de Deus  
Orai por ela

ou na forma mais tradicional, variando na numeração, como:

Um anjinho rezava  
Pra Maria de Jesus  
Ó Maria se alumeia  
Ó Maria com uma luz

Dois anjinho rezava  
Pra Maria de Jesus  
Ó Maria se alumeia  
Ó Maria com duas luz.

(Ambas recolhidas em Campina Grande, no Estado da Paraíba, mas difundidas por tôda a região).